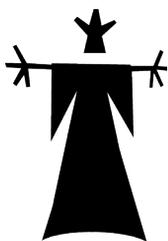




TEATRO,
ESPAÇO,
VAZIO E
DEMO-
CRACIA

COLÓQUIO

3.ª EDIÇÃO



14 DEZEMBRO

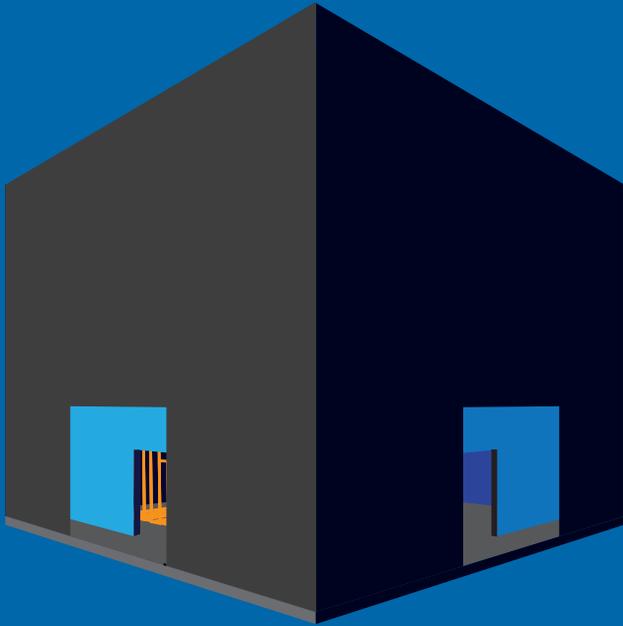
2019

15H00-19H00

SALA ESTÚDIO

DO TEATRO

DA RAINHA



verfremdungseffect

Na terceira edição do TEVD prosseguimos o mesmo objectivo: aprofundar a relação entre as três partes, o teatro, o vazio e o que entre os dois se pode nomear democracia na relação de tensão e jogo entre espectadores e interpretes. A democracia, na relação sala-cena, depende de elementos espaciais e de elementos narrativos estruturais, dos modos de comunicação entre a cena e a sala.

Eu diria que a democracia é o estranhamento. O estranhamento é um “efeito de tornar estranho” que historiciza por contraponto para com as manobras das “naturalizações” que nos levam a dizer “é mesmo assim”, retirando ao que na coisa é percebido na superfície apenas e não analisado/criticado na sua dimensão profunda, isto é, o que traz àquela aparência do visível o que parece e é lido literalmente e é outra coisa.

É na raiz que se percebe a folha. O crescimento de uma árvore pode ser absolutamente para dentro e só num outro tempo exterior — cresce e parece o contrário. Uma cena familiar pode revelar tudo não

aparentando: violência doméstica quando o que vemos é um beijo, fome escondida sob camadas de preconceito, o real é sempre duplo, ambivalente, polissémico. Por isso as virtudes da parábola que age por comparação fazendo um desvio.

Um espaço vazio abre-se a todas as possibilidades. Um texto escrito para cena poderá abrir-se a várias possibilidades. No espaço vazio pensamos configurações, relações entre corpos, entre o corpo cena e o corpo sala, objectos que interrompem o espaço, signos poéticos físicos, esculturas, dispositivos, cenários — neste caso o que vemos é um outro arquitectónico do texto que o faz “viver” com artifício — a arte é uma reconstrução artística do real. Um cenário é um serviço ao jogo e um signo maior como sentido arquitecturado. Uma casa fechada, um *bunker*, como pode acontecer em *Fim de festa*, ao mesmo tempo que pode ser o signo de um mundo urbano extinção é também o signo de uma “nova natureza” num contexto apocalíptico. Não estará a ser assim em Tchernobil? Já os lobos voltam com olhar radio-

activo no instinto — que natureza virá depois da destruição global? Um texto depende da passada aristotélica ou não, da sua desconstrução indutiva interna, imanente na estrutura, da abertura ou fechamento, do modo de ser posto em cena. A encenação é decisiva numa era de complexidades múltiplas. Não lê, ajuda a ler, não orienta, indaga pelo modo indutivo, armadilha a demagogia que é própria dos discursos dominantes no “espaço público” que como “espaço público” livre é aliás inexistente, apenas existindo um “espaço público venal” — mesmo na intimidade a lingerie fala alto — dominado por signos publicitários. A cidade é uma montra contínua. O que queremos fazer nestes TEVD é continuar a busca por um teatro da rendibilidade artística, criativa, por um teatro de natureza artística que considere a sala, a assembleia de espectadores, como sujeitos individuais e comunidade instigante — nela se forja um pensamento colectivo, no tempo da cena e no tempo da sala — o texto pro-

põe um tempo e um espaço, a sala é um tempo e um espaço múltiplos, cada sujeito é ele mesmo um “texto”, um “drama”. O objectivo é combater presencialmente a mecânica dos prazeres dominados pela via consumo como relação obrigada — no teatro não estamos no Centro Comercial a ver desfilar montras diante dos olhos cegos, nem diante da TV, nem submersos em publicidade urbana, nem, etc., estamos em “cidadania activa” a LER (ler não é consumir), isto é, a pensar no tempo do seu ritmo — reflectir não é pavloviano — lento e contra os ritmos que impostos de fora fazem funcionar a máquina do capitalismo especulativo, a que outros chamam capitalismo cultural — atente-se bem na expressão. Somos antídoto pela via da pergunta? Nem tudo são soluções e milagres, nem a tecnologia se substitui à vida real. Aqui quem manda é a razão emotiva e a emoção racional, *Verfremdungseffect*.

f m r

programa

COMUNICAÇÕES

- 15H00** **FERNANDO MORA RAMOS**
Intervenção de abertura
- 15H30** **JOSÉ RICARDO NUNES**
Exemplar
- 16H00** **CHRISTINE ZURBACH**
**Depois de Rousseau: inventar um teatro
para a festa popular e cidadã**
- 16H30** **NUNO LOPES**
Dentro e fora da caixa
- Intervalo
- 17H00** **ALEXANDRA MOREIRA DA SILVA**
**Fronteira, dispositivo e hospitalidade:
o espaço *entre* no teatro contemporâneo**
- 17H30** **MANUEL VIEITES**
Que fazer com os teatros?
Para uma necessária convergência com a Europa
- 18H00** **DEBATE** moderado por **JOSÉ CARLOS FARIA**
- 19H00** **ENCERRAMENTO** pela Vice-Presidente
da Câmara Municipal de Caldas da Rainha
Dr.^a **MARIA JOÃO DOMINGOS**

JOSÉ RICARDO NUNES

(Lisboa, 1964)

É licenciado em Direito e mestre em Literatura e Cultura Portuguesas — Época Contemporânea.

Publicou poesia, ensaio e ficção, estreando-se na poesia com *Rua 31 de Janeiro — Algumas Vozes* (&etc, Dezembro de 1998). Também na editora &etc publicou, em 2000, o ensaio *Um Corpo Escrevente. A Poesia de Luiza Neto Jorge*.

Tem colaboração dispersa por várias revistas, destacando-se no domínio do ensaio os textos vindos a lume na *Relâmpago*, na *Ler* e na *Colóquio/Letras*. Com o livro *Na Linha Divisória* (Campo das Letras, Novembro de 2000) ganhou o Grande Prémio Eugénio de Andrade de Poesia. As suas obras mais recentes são os volumes de poemas *Andar a Par* (Tinta-da-China, Maio de 2015) e *Clássico* (Companhia das Ilhas, Janeiro de 2019).

CHRISTINE MATHILDE THÉRÈSE ZURBACH

Nasceu em França e vive em Portugal desde 1975. Estudou Literatura e Dramaturgia na Universidade de Estrasburgo. Professora Associada com agregação, é docente do Departamento de Artes Cénicas da Escola de Artes da Universidade de Évora onde lecciona nas áreas de Dramaturgia, História do

Teatro, Teatro de Marionetas e Tradução de Teatro. Doutorou-se na Universidade de Évora em Literatura Comparada/Estudos de Tradução em 1997 com a tese *Tradução e Prática do Teatro em Portugal de 1975 a 1988* (Colibri, 2002). Mantém uma actividade regular como tradutora e dramaturgista no âmbito da prática profissional do teatro. Foi membro da redacção da revista *Adágio* do Cendrev e colabora regularmente com a revista *Sinais de Cena* da Associação Portuguesa dos Críticos de Teatro.

NUNO LOPES

(Póvoa de Varzim, 1954)

Licenciou-se em arquitectura pela Escola Superior de Belas Artes do Porto em 1977.

Responsável pelo projecto da Malagueira, em Évora, da autoria do Arq. Álvaro Siza de 1979 a 1996; pela Divisão de Iniciativas Urbanísticas Municipais da Câmara Municipal de Évora, de 1990 a 1996, e Director do Departamento do Centro Histórico de Évora de 1996 a 2002. Coordenador do Gabinete da Paisagem Protegida da Vinha da Ilha do Pico de 2002 a 2005 e da Candidatura da Paisagem Protegida da Vinha da Ilha do Pico a Património Mundial — Paisagem Cultural. Responsável pelo projecto de Candidatura da Universidade de

Coimbra a Património Mundial e coordenador do Gabinete.

Professor auxiliar convidado na Universidade de Évora, Departamento de arquitectura, desde 2005.

Autor de vários projectos e obras, como o Centro de Interpretação do Vulcão dos Capelinhos, o Centro de visitantes da Furna do Enxofre da Ilha Graciosa, o Mercado Municipal de Vendas Novas, a Casa da Montanha do Pico (Açores), o Aquário Virtual da Ilha do Faial, a recuperação do Colégio de Jesus (Coimbra) e a Escola de São Lourenço (Parque Escolar de Portalegre).

ALEXANDRA MOREIRA DA SILVA

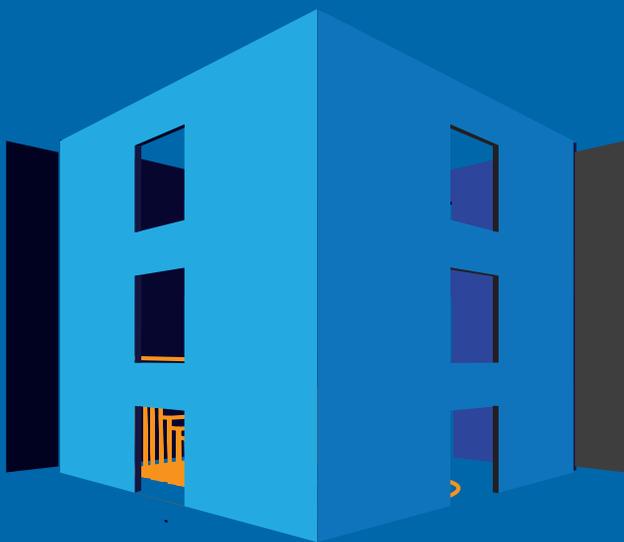
É Professora no Instituto de Estudos de Teatro da Universidade Sorbonne Nouvelle — Paris III que co-dirigiu de 2015 a 2017. É investigadora do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (FLUP) e do *Groupe de recherche sur la Poétique de la scène contemporaine* (Sorbonne Nouvelle — Paris III). Mantém actividade regular na Associação Portuguesa de Críticos de Teatro e tem vários artigos publicados sobre teatro moderno e contemporâneo e sobre tradução de textos de teatro. É directora da colecção de dramaturgia contemporânea *Domaine étranger* na editora *Les Solitaires*

Intempestifs. Em 2011, foi distinguida pelo governo francês com o título de *Chevalier dans l'ordre des Palmes Académiques*.

MANUEL FRANCISCO VIEITES GARCÍA

(Vigo de Lorbé, 1956)

É professor e director da Escola Superior de Arte Dramática da Galiza (localizada em Vigo), desde 2005, ano da sua criação, onde ensina Pedagogia Teatral e Introdução à Investigação Cénica. Doutor em Filosofia e Ciências da Educação também é professor na Faculdade de Ciências da Educação da Universidade de Vigo, *campus* de Ourense, na área de Teoria e História da Educação. É membro da Associação de Directores de Cena de Espanha e director adjunto da revista *ADE Teatro*. Autor de diferentes trabalhos no campo dos estudos cénicos (livros e artigos em revistas especializadas), também traduziu textos dramáticos e ensaio teatral, como no caso de algumas obras destacadas de Sarah Kane, Caryl Churchill, Gavin Bolton, Edward Gordon Craig ou Percy MacKaye. Em 2017 publica o seu último trabalho, um volume intitulado *El Teatro Vacío*. Manual de política teatral, em que analisa diferentes âmbitos da organização teatral em Espanha.



TEATRO DA RAINHA

262 823 302 | 966 186 871

www.teatrodarainha.pt

comunicacao@teatrodarainha.pt



CALDAS DA RAINHA
Câmara Municipal



REPÚBLICA
PORTUGUESA

CULTURA

dgARTES
DIRECÇÃO-GERAL
DAS ARTES